

RECREAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DA COORDENAÇÃO MOTORA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Nayara Granado Barboza¹; Rômulo Gabriel dos Santos²; Thais Regina Vitor Ferreira³; Maria de Fátima Feliciano de Oliveira Peruchi⁴; Luiz Henrique Peruchi⁵

1. Estudante do curso de Educação Física; nayara.granado@hotmail.com
2. Estudante do curso de Educação Física; romulo.gabriel7@gmail.com
3. Estudante do curso de Educação Física; thaisregina.vf@hotmail.com
4. Professor da Universidade de Mogi das Cruzes; fafa_peruchi@umc.br
5. Professor da Universidade de Mogi das Cruzes; peruchi@umc.br

Área de Conhecimento: **Educação Física**

Palavras Chave: Desenvolvimento Motor; jogos e brincadeiras; habilidade motora.

INTRODUÇÃO

Fazer o uso de recursos didáticos da recreação, através de jogos e brincadeiras nas aplicações das aulas na pré-escola, é um dos meios de atingir os objetivos educacionais, além de permitir que a criança se expresse, exercite a criatividade e o corpo. (REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL, 1998). A quantidade de vivências motoras experimentadas pelas crianças está diretamente ligada ao seu desenvolvimento, uma vez que a carências destas podem gerar uma habilidade motora insuficientemente trabalhada, ou seja, uma coordenação motora mal desenvolvida, onde pode e deve passar por um processo de correção dentro do âmbito da Educação Física escolar. (Lopes et al 2003). Na faixa etária de 3 a 7 anos de idade, a criança encontra-se na fase do movimento fundamental, explicado por Gallahue et al (2013), descobrindo e explorando maneiras de executar movimentos básicos, como locomoção, correr, saltar e manusear. No campo da educação infantil o brincar e o jogar como forma de atividades recreativas são para Kishimoto (2016) ferramentas importantes e essenciais durante a infância, os jogos ao mesmo tempo em ensinam, podem aprimorar as relações interpessoais e ainda causar intensa alegria, prazer e motivação para o participante, ou seja, são fundamentais para atingir uma educação integral, portando sua inserção no contexto escolar deve ser valorizada, como aponta Camargo (2014), cabendo ao educador promover o desenvolvimento da aprendizagem em seus diversos aspectos – intelectuais, físicos, morais e sociais.

OBJETIVO

Verificar a influência das atividades recreativas no desenvolvimento da coordenação motora grossa, em crianças regularmente matriculadas na educação infantil.

METODOLOGIA

Participaram desta pesquisa 38 crianças, sendo, 15 crianças de 6 anos completos, representando 39,47% da amostra, e 23 de 5 anos completos, representando 60,53% da amostra, todas matriculadas regularmente no último ano da Educação Infantil (Turmas: Infantil IV) de uma escola no Alto Tietê, destas, 22 do sexo feminino, representando 58% e 16 do sexo masculino, representando 42%, divididas em dois grupos: o Grupo de Intervenção, denominado Grupo A e o Grupo de Controle denominado Grupo B. Material: O material utilizado foi o teste adaptado da Escala de Desenvolvimento Motor proposta por Rosa Neto

(2002, apud SOUZA e SASAI, 2010) (Anexo A). O teste analisou duas tarefas motoras: salto e corrida. Procedimento: Inicialmente foi recolhida uma autorização através do contato com os responsáveis pela instituição colaboradora (Anexo B), em seguida, foi apresentado o projeto aos pais das crianças, em uma reunião na instituição realizada pela diretora e após conhecerem os objetivos da pesquisa, saberem sobre o sigilo da identidade das crianças e da necessidade da autorização dos mesmos para a realização da pesquisa, foi solicitado a assinatura do TCLE. O teste foi aplicado em dois grupos, sendo o Grupo de Intervenção (Grupo A) e o Grupo de Controle (Grupo B). O Grupo A foi composto por 18 crianças de ambos os sexos, todos entre 5 e 6 anos completos, submetidos ao pré e pós-teste individualmente, com a experiência da aplicação dos Planos de Aula (Anexo D) elaborados e executadas pelos autores desta pesquisa, sendo que para a elaboração foram realizadas adaptações do material de Souza e Sasai (2010) e obteve-se auxílio dos professores orientadores, baseados no RCN (BRASIL, 1998). Tais aulas foram ministradas em 20 encontros de 50 minutos cada, 2 vezes por semana, durante um período de 3 meses. O Grupo B foi composto por 20 crianças de ambos os sexos, todos entre 5 e 6 anos completos, submetidos ao pré e pós-teste individualmente, mas sem intervenção dos pesquisadores, ou seja, seguindo a programação da escola e as atividades propostas pela professora da turma. Foram utilizados 2 encontros para o pré-teste e 2 encontros para o pós-teste, na tarefa motora salto, o participante teve que transpor uma altura de 20 cm do chão durante 10 segundos, com os dois pés ao mesmo tempo e os pesquisadores contavam a quantidade de saltos executados nesse tempo, enquanto que na tarefa motora corrida, o participante teve que correr em linha reta por uma distância de 10 metros e os pesquisadores cronometravam o tempo para realização da atividade. A pesquisa foi aplicada durante o período de aula, em um horário combinado com a instituição, uma vez que não havia um cronograma determinado para aulas específicas de movimento ou Educação Física, e não houve alteração da rotina de alimentação ou outras obrigações das crianças com a instituição de ensino. Análise de Dados: A estatística utilizada para analisar os valores de significância das amostras recolhidas foi Teste T-Student.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na presente pesquisa foram analisados os resultados de dois grupos de crianças, em relação à intervenção dos pesquisadores com utilização da recreação em aulas ministradas e o acompanhamento sem intervenção, ambos envolvendo duas habilidades motoras: saltar e correr. O tratamento estatístico foi realizado através do Teste T-Student, com o nível de significância $p < 0,05$, utilizado na análise comparativa dos resultados do pré e pós teste. No teste de saltos em deslocamento, durante 10 segundos, apenas o Grupo A apresentou melhoras, de acordo com o Teste T-Student, estatisticamente significantes ($p < 0,05$) no pós-teste em relação ao pré-teste. O Grupo A realizou em sua totalidade 97 saltos, com uma média de 5,38 saltos no pré-teste e o desvio padrão de 2,033, já no pós-teste realizou em sua totalidade 120 saltos, com uma média de 6,61 e o desvio padrão de 1,455. Foi observado que 73% das crianças apresentaram uma melhora de pelo menos 1 salto. O Grupo de Intervenção (A) apresentou uma melhora geral de 23 saltos e um aumento de 1,23 saltos na média, sendo o único resultado estatisticamente significativo da pesquisa. O Grupo B por sua vez obteve uma totalidade de 116 saltos, com uma média de 5,73 saltos no pré-teste e o desvio padrão de 2,214, já no pós-teste apresentou em sua totalidade 118 saltos, com uma média de 5,84 saltos e o desvio padrão de 1,774. Foi observado que 35% das crianças apresentaram uma melhora de pelo menos 1 salto. O Grupo de Controle (B) apresentou uma melhora geral de 2 saltos e um aumento de 0,11 saltos na média, não apresentando significância estatística. No teste de corrida em 10 metros, em linha reta nenhum dos dois grupos apresentou significância estatística ao aplicar o Teste T-Student, ou seja, ambos os resultados apresentaram $p > 0,05$ do pós-teste em relação ao pré-teste. O Grupo A obteve uma somatória

de tempo de 53"81, com uma média de 2"98 e o desvio padrão de 0"35, já no pós-teste a somatória de tempo foi de 51"02, com uma média de 2"83 e o desvio padrão de 0"27. Foi observado que 89% das crianças reduziram o tempo de corrida no pós-teste em relação ao pré-teste. O Grupo de Intervenção (A) apresentou uma redução de 2"79 na somatória de tempo geral e na média uma melhora de 0"15, mas não apresentou significância estatística. O Grupo B obteve uma somatória de tempo de 60"28, com uma média de 3"01 e o desvio padrão de 0"38, já no pós-teste a somatória de tempo foi de 60"24, com uma média de 3"01 e o desvio padrão de 0"36. Foi observado que 60% das crianças reduziram o tempo de corrida no pós-teste em relação ao pré. O Grupo de Controle (B) apresentou uma redução de 0"04 na somatória de tempo geral, a média permaneceu 3"01 nos dois testes e não houve significância estatística. A pesquisa permitiu notar o resultado de que as atividades recreativas contribuem positivamente no desenvolvimento da coordenação motora, assim como encontrado no Referencial Curricular Nacional (1998) que afirma que os jogos e brincadeiras são importantes para as habilidades corporais e a coordenação motora. É importante ressaltar que esta pesquisa não consegue considerar fatores extrínsecos como experiências culturais, esportivas e sociais além do ambiente escolar e que estes podem influenciar nos resultados. As atividades recreativas aplicadas visaram proporcionar diferentes estímulos da coordenação motora grossa de membros inferiores, priorizando sempre o caráter lúdico em cada contexto, pois segundo Rodrigues (2011) tais experiências motoras para as crianças desta faixa etária, geram rápido desenvolvimento de variadas habilidades motoras grossas, o que foi possível observar nos testes de salto pelo Grupo de Intervenção (A), mas não nos testes de corrida. Este fato pode ocorrer pela dificuldade de identificar sobre qual tarefa motora especificamente as atividades recreativas terão maior influência nesta faixa etária, como explica Gallahue et al. (2013) a divisão da motricidade se dá em fases de habilidades motoras de acordo, justamente, com a idade cronológica das crianças como referência para avaliar sua evolução, estabilização ou um possível atraso motor. Foi notado também que na tarefa motora saltos, o Grupo de Intervenção (A) não apresentou nenhum resultado inferior no pós-teste em relação ao pré-teste, isto pode ter acontecido pela regularidade da presença de saltos nas atividades recreativas propostas.

CONCLUSÕES E SUGESTÕES

A pesquisa possibilitou verificar que as atividades recreativas, enfatizando jogos e brincadeiras, influenciam positivamente no desenvolvimento da coordenação motora grossa de membros inferiores de crianças de 5 e 6 anos. Foi possível observar que os alunos do Grupo de Intervenção (A) apresentaram melhoras em seu desempenho em ambas as tarefas motoras: salto e corrida, com médias finais melhores que as do Grupo de Controle (B), entretanto apenas no teste de salto houve melhoras estatisticamente significantes. Portanto, para novas pesquisas sugere-se que o número de sessões de intervenção que foi de 20 encontros seja aumentado para 40 ou mais, e que a duração seja de 4 ou 5 meses com encontros de 3 vezes na semana, pois foi percebida a necessidade de trabalhar com mais atividades recreativas e por um período maior, promovendo diferentes estímulos que atuem diretamente no desenvolvimento da coordenação motora grossa de membros inferiores de diversas maneiras. Sugere-se também que na aplicação do pré e pós-teste, durante a execução da corrida em linha reta, seja traçado uma distância de 2 a 5 metros além do objetivo para demarcar o final da corrida, mas que não sejam contabilizados para a anotação do tempo final, pois na realização dos testes observou que quando a criança se aproximava do ponto de chegada (10 metros), diminuía a velocidade prejudicando o resultado do participante. Estudos ligados à área de comportamento motor têm direcionado esforços para confirmar os resultados positivos obtidos através da intervenção sobre o desenvolvimento de habilidades motoras e aos poucos validam as premissas que os ganhos são significativos tanto na ordem

física, quanto no aspecto social, afetivo, e na qualidade de vida dos participantes. Por fim é importante enfatizar que a pesquisa, apesar de estatisticamente apresentar apenas um resultado de significância positiva no que diz respeito ao desenvolvimento de habilidades motoras, os pesquisadores puderam notar as mudanças no aspecto social e afetivo de alguns participantes, mudanças estas elucidadas ainda pelas profissionais pedagogas da instituição confirmando que, futuros estudos podem investigar mais profundamente o nível de influência das atividades recreativas na Educação Infantil para além do desenvolvimento da coordenação motora.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Documento introdutório. Versão preliminar. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf. Acesso em: 25 de abril de 2018.

CAMARGO, D. O brincar corporal na educação infantil. Curitiba: InterSaber, 2014.

GALLAHUE, D.L.; OZMUN, J.C.; GOODWAY, J.D. Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos. 7. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

KISHIMOTO, M. T. Jogo, Brinquedo, Brincadeira e Educação. Ed. rev. – São Paulo, SP: Cengage Learning, 2016.

LOPES, V.P.; MAIA, J.A.; SILVA, R.G.; SEABRA, A.; MORAIS, F.P. Estudo do nível de desenvolvimento da coordenação motora da população escolar (6 a 10 anos de idade) da Região Autónoma dos Açores. Rev. Portuguesa de Ciências do Desporto, vol. 3, nº 1, 2013. Disponível em: http://www.fade.up.pt/rpcd/_arquivo/artigos_soltos/vol.3_nr.1/1.5.investigacao.pdf. Acesso em: 11 de maio de 2018.

RODRIGUES, M. Manual teórico-prático de educação física infantil. 9.ed. São Paulo: Ícone, 2011.

SOUZA, G. P.; SASAI, L. H. Recreação e o Desenvolvimento da Coordenação motora na educação infantil. In: XIII Congresso de Iniciação Científica da Universidade de Mogi das Cruzes, 2010, Mogi das Cruzes. Anais do XIII Congresso de Iniciação Científica do PIBIC/UMC. Bauru: Canal 6, 2010. v. 1. p. 5-122.